

## Composicionalidade semântica em expressões idiomáticas não-composicionais

Pablo Nunes Ribeiro<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

pablonribeiro@yahoo.com.br

**Resumo.** *As expressões idiomáticas sempre representaram um problema para a gramática gerativa, devido em grande parte, como afirmam Nunberg, Sag & Wasow (1994), à falta de definições claras e criteriosas dando conta da natureza das expressões idiomáticas, o que fez com que prevalecesse a idéia de que uma das principais características das expressões idiomáticas seria a não-composicionalidade do ponto de vista semântico. Neste trabalho discutiremos a noção de expressões idiomáticas composicionais e não-composicionais, analisando alguns casos do português e testando alguns critérios para esta distinção. Nossa hipótese é a de que mesmo algumas expressões idiomáticas consideradas não-composicionais apresentam algum grau de composicionalidade, impondo, por exemplo, restrições a determinados modificadores. Para tratar esta questão, é feita uma breve discussão da teoria do aspecto proposta por Smith (1997): utilizaremos seus testes na identificação de classes aspectuais de predicados. Por fim, faremos um estudo de caso de alguns predicados idiomáticos do português; mostraremos que, embora “denotem conceitos semelhantes”, estes predicados possuem estrutura semântica própria – e, portanto, “composicionalidade” – do ponto de vista de suas propriedades aspectuais.*

**Abstract.** *The idioms have always represented a problem for the generative grammar, in large part, as argued by Nunberg, Sag & Wasow (1994), due to the lack of clear and single-criterion definitions giving an account of the nature of the idioms, which led to a prevail idea that one of the main features of idioms would be the semantic noncompositionality. In this paper we discuss the notion of compositional and noncompositional idioms, examining some cases in Portuguese and testing some criteria for this distinction. Our hypothesis is that even some idioms considered to be noncompositional have some degree of compositionality, imposing, for instance, restrictions on certain modifiers. To address this issue, there is a brief discussion of the theory aspect proposed by Smith (1997): we will use its tests in identifying aspectual classes of predicates. Finally, a case study of some idiomatic predicates of Portuguese is done; we will show that, although they “denote similar concepts”, they have their own semantic structure – and, therefore, compositionality - from the viewpoint of its aspectual properties.*

**Palavras-chave:** expressões idiomáticas; composicionalidade; aspecto

## 1. Introdução

As expressões idiomáticas (*idioms*, em inglês) sempre representaram um problema para a gramática gerativa, devido em grande parte, como afirmam Nunberg, Sag & Wasow (1994), à falta de definições claras e criteriosas dando conta de sua natureza. Isso fez com que prevalecesse a idéia de que uma de suas principais características seria a não-composicionalidade do ponto de vista semântico.

Neste trabalho discutiremos, primeiramente, a distinção entre expressões idiomáticas composicionais e não-composicionais, analisando alguns casos do português e testando alguns critérios para esta distinção. Em seguida, trabalharemos com a hipótese de que mesmo algumas expressões idiomáticas consideradas não-composicionais apresentam algum grau de composicionalidade. Antes de nossa análise, discutiremos a teoria do aspecto proposta por Smith (1997): utilizaremos seus testes na identificação de classes aspectuais de predicados. Por fim, faremos um estudo de caso de alguns predicados idiomáticos do português; mostraremos que, embora “denotem conceitos semelhantes”, estes predicados possuem estrutura semântica própria – e, portanto, “composicionalidade” – do ponto de vista de suas propriedades aspectuais.

## 2. Expressões idiomáticas composicionais e não-composicionais

Conforme Nunberg, Sag & Wasow (1994), definir todas as expressões idiomáticas como semanticamente não-composicionais é um equívoco, pois a maior parte delas distribui o seu sentido entre as partes. Para os autores, que consideram a idiomaticidade um fenômeno basicamente semântico, as expressões idiomáticas podem ser definidas com base em critérios semânticos como a convencionalidade, a opacidade e a composicionalidade. De acordo com estes critérios, classificam-nas em: (a) “expressões combinadas idiomáticamente” (*idiomatically combining expressions*), nas quais o sentido idiomático da expressão “divide-se” entre seus elementos – sendo, portanto, expressões composicionais; e (b) “sintagmas idiomáticos” (*idiomatic phrases*), que não distribuem seu sentido entre as partes. As expressões em (1) seriam exemplos do primeiro tipo, enquanto as expressões em (2) seriam exemplos do segundo tipo:

- (1) a. Maria armou um grande barraco na festa. (*armar um barraco*)  
b. João quebrou definitivamente o gelo com uma piada. (*quebrar o gelo*)
- (2) a. Pedro bateu as botas ontem. (*bater as botas*)  
b. Paula jogou a toalha depois do vexame. (*jogar a toalha*)

Em (1a) pode-se perceber intuitivamente que o sentido da expressão *armar um barraco*, que seria algo como “criar uma confusão”, é dividido entre os elementos: *armar* sugere a idéia de “criar” (cf. *João armou um plano.*), e *um barraco* é metáfora de “uma confusão” (cf. *Que barraco é este?!*). Assim, em *armar um barraco*, parece que cada parte da expressão está ligada a um “segmento de sua estrutura conceitual”, para utilizar os termos de Culicover & Jackendoff (2005). O mesmo acontece em (1b), em que *quebrar* significa “romper” e *o gelo* é metáfora para “frieza do ambiente” e, por extensão, de “uma barreira para a interação”. *Quebrar*, com o mesmo sentido idiomático, aparece em *quebrar o silêncio*; e *gelo*, em *Maria me deu um gelo*.

Estas intuições sobre o “caráter composicional” do sentido das expressões em (1) parecem ter conseqüências sintáticas: estas expressões são suscetíveis à aplicação da passiva (adjetival e verbal), como em (3) abaixo, o que é evidência para algum grau de “composicionalidade gramatical”:

- (3) a. O barraco estava armado quando a Maria deu de cara com a Paula.
- b. O gelo foi finalmente quebrado quando João contou uma piada.

Note-se, por outro lado, que o mesmo não ocorre com as expressões em (2):

- (4) a. \*As botas foram batidas por Pedro ontem.
- b. \* A toalha estava jogada: no exame Paula soube que não tinha chance.

Há lógica no contraste. Em (2a), a expressão *bater as botas* apresenta um sentido idiomático próximo ao de “morrer”, conceito que não exige argumentos e, portanto, não parece estar dividido em partes que exijam lexicalização independente. O mesmo ocorre com (2b), pois, de modo semelhante, *jogar a toalha* significa algo como “desistir”, que também pode ser um “conceito intransitivo”. Portanto, a ausência de uma leitura idiomática para os exemplos em (4) parece estar intimamente ligada à “não-composicionalidade conceitual” de *bater as botas* e *jogar a toalha*.

Entretanto, mesmo expressões fixas e aparentemente não-composicionais, como *bater as botas* ou *jogar a toalha*, apresentam características interessantes, que as diferenciam dos itens lexicais com os quais parecem estar “associadas conceitualmente”. Compare-se:

- (5) a. João morreu lentamente/ aos poucos/ sofrendo muito.
- b. João bateu as botas # lentamente/ ??aos poucos/ ??sofrendo muito.

Como podemos ver em (5), a expressão *bater as botas* parece impor restrições a determinados modificadores que ocorrem normalmente com o verbo *morrer*: por exemplo, os que implicam duração parecem não funcionar com *bater as botas*. Nossa hipótese é a de que, possivelmente, esta expressão não denota um processo, mas um evento pontual, enquanto o verbo *morrer* pode ser interpretado como processual. E, aparentemente, os elementos conceituais responsáveis por esta distinção estão disponíveis para as combinações sintáticas de *bater as botas*.

Em nosso trabalho, discutiremos outras expressões idiomáticas não-composicionais, ou “sintagmas idiomáticos”, que, como *bater as botas*, demonstram: (a) que expressões como as em (2) mantêm algum grau de “composicionalidade conceitual”; e (b) que a fonte desta composicionalidade são elementos de significado de suas partes. Para isso, apresentaremos na próxima seção alguns elementos da teoria do aspecto proposta por Carlota Smith (1997) que serão importantes para a análise das expressões idiomáticas que será realizada na seção 4.

### 3. Classes aspectuais

Carlota Smith (1997) propõe uma teoria lingüística dos significados aspectuais na qual este domínio semântico é realizado lingüisticamente por meio de duas categorias: o *tipo*

*de situação*, que classifica indiretamente o evento ou estado apresentado na sentença de acordo com suas propriedades temporais, e o *ponto de vista*, que dá à sentença uma perspectiva temporal, dando uma visão parcial ou total da situação que está sendo tratada. Estas informações são expressas por formas lingüísticas presentes na sentença: o tipo de situação é dado por propriedades inerentes da constelação verbal, termo utilizado pela autora para se referir ao verbo principal, aos seus argumentos e aos adjuntos; por sua vez, o ponto de vista é o “aspecto gramatical”, ou seja, é expresso por morfemas gramaticais e por verbos auxiliares.

Conforme a autora, existem três tipos de ponto de vista: perfectivo (em que o foco está em toda a situação), imperfectivo (em que o foco está em parte da situação) e neutro (possui um foco flexível). Quanto aos tipos de situação, a autora postula cinco categorias, de acordo com as propriedades temporais de dinamismo, duratividade e telicidade<sup>1</sup>, conforme observamos em (6):

(6)Tipos de situação:

Estado (*State*): estático, durativo

Atividade (*Activity*): dinâmica, durativa, atélica

*Accomplishment*: dinâmico, durativo, télico

Semelfactivo (*Semelfactive*): dinâmico, instantâneo, atélico

*Achievement*: dinâmico, instantâneo, télico

Smith (1997) apresenta uma caracterização lingüística de como os diferentes tipos de situação se realizam nas sentenças, que utilizaremos neste trabalho como teste para identificação de características aspectuais dos predicados, especificamente daquelas relacionadas ao traço semântico de duratividade.<sup>2</sup> De acordo com a autora, *accomplishments* aparecem com advérbios de modo que indicam duração, com auxiliares incoativos e terminativos, bem como com outras formas de expressar duração com completude (cf. 7a-d). Ocorrem também com locuções adverbiais que definem a localização temporal do evento, mas resultam numa leitura estranha com locuções adverbiais que “focalizam” a duração do evento (cf. 7e, f):

- (7) a. João caminhou lentamente até a escola.
- b. João começou a caminhar até a escola.
- c. João terminou de caminhar até a escola.
- d. Levou uma hora para João caminhar até a escola.
- e. João caminhou até a escola hoje de tarde.
- f. ? Paulo caminhou até a escola por uma hora. (Smith, 1997, p. 45).

Grosseiramente falando, pode-se dizer que (7e) é perfeitamente aceitável porque advérbios de localização temporal são adequados para descrever os limites temporais de

---

<sup>1</sup> Um evento télico possui um ponto final natural e resulta em uma mudança de estado (cf. *Joana caminhou até a escola em uma hora.*), ao contrário de eventos atélicos, que são apenas processos, sem um ponto de culminância inerente (cf. *Joana caminhou no parque por uma hora.*).

<sup>2</sup> Apesar de a classificação da autora ter sido feita com base no inglês, seus testes em larga medida também se aplicam ao português.

um evento como um todo – abarcando tanto o processo ou ação que o compõe, quanto seu ponto final, de culminância. Já a “estranheza” de (7f) tem a ver com o fato de que advérbios de duração “focalizam” o elemento que dá extensão temporal a um evento – portanto, ao processo ou ação – e, por “focalizá-lo”, tornam-se estranhos quando o evento, além do processo, contém um elemento pontual final, ou culminância, que pode ser distinguido do processo (no momento em que Paulo chega à escola, ele não está mais “caminhando em direção à escola”).

Quanto aos *achievements* típicos, estes não permitem, em sua leitura normal, a ocorrência de advérbios ou locuções adverbiais de modo que indicam duração (cf. 8a), bem como não permitem auxiliares incoativos, terminativos ou de expressão de duração com completude (cf. 8b-d). Por causa da telicidade, os *achievements* compartilham com os *accomplishments* a possibilidade de aparecerem normalmente com locuções adverbiais de localização temporal (cf. 8e), mas resultam em frases estranhas com locuções de duração (8f):

- (8) a. # Paulo quebrou o copo lentamente.
- b. # Paulo começou a quebrar o copo.
- c. # Paulo terminou de quebrar o copo.
- d. # Levou uma hora para Paulo quebrar o copo.
- e. Paulo quebrou o copo hoje de tarde.
- f. # João quebrou o copo por uma hora.

Observe-se que todas as sentenças “estranhas” em (8) podem se tornar aceitáveis numa leitura em que *quebrar o copo* se torna uma “atividade intencional” de Paulo – por exemplo, no caso de Paulo estar alucinando e achar que o copo mereça ser quebrado aos poucos, ou – em uma situação um pouco mais cotidiana – Paulo querer quebrar o copo em cacos muito pequenos, para reciclar o vidro.

É interessante notar aqui que, apesar de *quebrar* e *partir* serem ambos utilizados por Carlota Smith como exemplos de *achievements*, são verbos que, na verdade, possuem um comportamento um pouco diferente. Como vemos em (9) abaixo, *partir* pode ser mais naturalmente modificado por advérbios que impliquem duração, por auxiliar incoativo e por expressões de duração com completude:

- (9) a. Paulo partiu lentamente.
- b. Paulo começou a partir.
- c. # (Finalmente,) Paulo terminou de partir.
- d. Levou uma hora para Paulo partir.
- e. Paulo partiu de tarde.
- f. # João partiu por uma hora.

A possibilidade de uma sentença como (9d), com uma locução de duração com completude, mostra que *partir* representa um tipo de *achievement* que aparentemente permite que uma “etapa preparatória” seja interpretada como parte do evento. Voltaremos a esta discussão na próxima seção, ao realizarmos a análise dos dados.

Com base nos testes acima apresentados, analisaremos na seção seguinte quatro expressões idiomáticas: *bater as botas* e *abotoar o paletó*, relacionadas ao conceito de “morrer”, e *jogar a toalha* e *tirar o cavalinho da chuva*, relacionadas ao conceito de “desistir”<sup>3</sup>. Nosso objetivo será demonstrar que, embora tenham um certo grau de “fixidez gramatical” e compartilhem aspectos de sentido comuns em função de expressarem, genericamente, o “mesmo conceito”, ainda assim estas expressões diferem em sua composição semântica; especificamente, procuraremos mostrar que possuem propriedades aspectuais diferentes, e que estas propriedades podem ser atribuídas a alguma(s) de suas “partes” sintáticas. Nosso ponto é: mesmo quando, genericamente falando, predicados idiomáticos “denotam conceitos intransitivos” e possuem “fixidez sintática”, podem possuir uma estrutura conceitual com algum grau de complexidade de sentido – e, portanto, de composicionalidade semântica.

## 4. Estudo de casos

### 4.1 Morrer e suas expressões idiomáticas

Iniciaremos nossa análise com as duas expressões relacionadas ao conceito de “morrer”. Os exemplos abaixo mostram que tanto *bater as botas* quanto *abotoar o paletó* são “fixas” do ponto de vista sintático – em particular, os NPs *as botas* e *o paletó* não possuem propriedades sintáticas básicas de objetos diretos sintaticamente ativos: não podem ser pronominalizados nem apassivizados:

- (10) a. ?? *As botas*, João bateu-*as* ontem à noite.  
b. ?? Finalmente, *as botas* foram batidas pelo João.

- (11) a. ?? *O paletó*, Pedro abotoou-*o* ontem à noite.  
b. ?? Finalmente, *o paletó* foi abotoado por Pedro.

Vejam agora que tipo de situação aspectual o verbo *morrer*, que é o item lexical mais básico relacionado a este conceito, pode expressar, de acordo com os testes propostos na seção anterior:

- (13) a. João morreu lentamente/ aos poucos/ sofrendo muito.  
b. João começou a morrer na sala de espera.  
c. ?? João terminou de morrer suspirando/ ?? após sofrer muito.  
d. Levou menos de uma hora para João morrer.  
e. # João morreu por uma hora.

Podemos observar em (13) que o verbo *morrer* apresenta um comportamento bastante parecido com o de um *accomplishment*. As exceções são as sentenças (13c),

---

<sup>3</sup> As duas expressões, apesar de estarem relacionadas ao conceito mais geral de desistir, parecem diferir um pouco em sentido. *Jogar a toalha* parece denotar que o sujeito já estava em processo de desistência e desiste definitivamente, ao passo que *tirar o cavalinho da chuva* parece denotar além da desistência, que o sujeito pare de insistir.

que parece ser estranha, e (13e), que não é aceitável.<sup>4</sup> Como mostra (13a), *morrer* funciona normalmente com advérbios que implicam duração, o que nos permite afirmar que pode receber uma leitura de *accomplishment*, com uma interpretação incoativa com formas de completude, como mostram (13b e 13d). Quanto a (13e), como dissemos antes, locuções adverbiais como esta “focalizam” a parte “processual” de um evento e são preferencialmente utilizadas apenas com predicados compostos apenas por esta “parte processual” (atividades como *caminhar*, ou processos homogêneos, como *roncar*). Entretanto, no caso de *morrer*, parece não ser possível distinguir a parte processual do ponto de culminância – “estar quase morrendo” e não chegar ao fim do processo não pode ser descrito como *morrer* (compare-se com *subir até o topo da montanha*). Quanto à estranheza de (13c), nada temos de revelador a dizer no momento e colocaremos a questão de lado neste artigo.

Agora, consideremos as propriedades aspectuais das expressões idiomáticas *bater as botas* e *abotoar o paletó*; como podemos ver em (14) e (15), diferem das propriedades de *morrer*:

- (14) a. # João bateu as botas lentamente.  
b. João começou a bater as botas na sala de espera.  
c. # João terminou de bater as botas suspirando/ ?? após sofrer muito.  
d. Levou menos de uma hora para João bater as botas.  
e. # João bateu as botas por uma hora.
- (15) a. # João abotoou o paletó lentamente.  
b. ?? João começou a abotoar o paletó na sala de espera.  
c. # João terminou de abotoar o paletó suspirando/ ?? após sofrer muito.  
d. ?? Levou menos de uma hora para João abotoar o paletó.  
e. # João abotoou o paletó por uma hora.

As expressões idiomáticas, como notamos acima, mostram um comportamento típico de *achievement*, o que faz com que difiram do item lexical *morrer* na seleção de alguns modificadores. Como vemos em (14a e 14e), *bater as botas* não tem o sentido idiomático com durativos, o mesmo acontecendo com *abotoar o paletó*, (cf. 15a, e), o que mostra que ambos os eventos são instantâneos. Tanto o verbo *morrer* como as expressões idiomáticas em (14) e (15) são estranhas com adjuntos como *por X tempo*, já que todos possuem um ponto de culminância. A diferença é em relação ao uso de advérbios como *lentamente*, (cf. 14a e 15a): neste caso, o advérbio exige que a situação tenha um componente de sentido durativo que, ao contrário do verbo *morrer*, as duas expressões idiomáticas não possuem, pois consistem apenas do ponto de culminância do evento.

---

<sup>4</sup> Talvez a estranheza da sentença (13c) e a mal-formação semântica de (13e) estejam ligadas ao fato de que “morrer” é um predicado de situação irreversível, e por isso não funciona com terminativos, bem como com adjuntos adverbiais que indicam duração simples.

Contudo, as expressões têm um comportamento diferente uma da outra no que diz respeito à forma de completude utilizada em (14d) e (15d). A sentença (14d) parece ser aceitável com uma leitura idiomática, o que nos leva a crer que *bater as botas* neste contexto, mesmo expressando uma situação de *achievement*, seja similar ao verbo *partir*: possibilita a interpretação de um “processo preparatório” como parte do evento, mesmo que o evento em si seja pontual. Em função da possibilidade de se conceber uma “etapa preparatória” para *bater as botas*, esta expressão se aproxima de *morrer* no sentido de ser compatível com algum elemento durativo. Note-se: com *morrer*, a parte durativa é parte própria do evento e, por isso, é possível *morrer lentamente*; mas a “etapa preparatória” que pode ser associada a *bater as botas* não é “parte própria” do evento e, por isso, não se pode *bater as botas lentamente*. Já *abotoar o paletó* aparentemente não permite nem associação com uma “etapa preparatória” (cf. 14b, d); possui, assim, as propriedades canônicas de um “*achievement* típico” – seu paralelo não é com *partir*, mas com *quebrar* (cf. 8).

Feita esta primeira análise, precisamos tratar do porquê desta diferença aspectual entre as expressões idiomáticas e o item lexical mais básico utilizado para expressar o conceito. Se analisarmos os verbos presentes em (10) e (11), *bater* e *abotoar*, veremos logo que o tipo de situação veiculada pelas expressões idiomáticas não é, ao menos exclusivamente, resultado da presença de um traço aspectual derivado destes itens lexicais. Ainda assim, pode-se, no caso de *bater as botas*, atribuir o caráter de *achievement* do predicado aos componentes de sentido de *bater*: temos aqui, de fato, um verbo que tipicamente apresenta um traço de instantaneidade, aparecendo normalmente em semelfactivos (cf. *Ele bateu na porta ao lado*.<sup>5</sup>).

Já o verbo *abotoar* denota geralmente um processo (cf. *Ele abotoou o casaco lentamente*.) e, portanto, não apresenta o mesmo traço aspectual da expressão idiomática correspondente. Da mesma forma, não se pode atribuir somente ao NP *o paletó* a resposta para a diferença aspectual, já que podemos usá-lo em outros contextos, sem leitura idiomática, com um tipo de situação que envolve processo (cf. *Ele vestiu o paletó lentamente*.). O que parece acontecer é que no contexto idiomático da expressão *abotoar o paletó*, o item *o paletó* perde a “leitura coletiva” que tem no uso literal da expressão, de “conjunto de botões”: (16) abaixo só pode ser interpretada literalmente, e não pode significar “morrer aos poucos”; isto indica que, na leitura idiomática, *o paletó* é interpretado antes como *o copo* em (17a), e não como *a louça* em (18a):

(16) Joana abotoou o paletó botão por botão.

(17) a. # Levou 5 minutos para Paulo quebrar *o copo*.  
b. # Paulo quebrou o copo pedaço por pedaço.

(18) a. Levou 5 minutos para Paulo quebrar *a louça*.  
b. Paulo quebrou a louça prato por prato.

---

<sup>5</sup> Aqui a sentença pode ser interpretada como evento múltiplo, o que possibilitaria o uso de durativos (cf. *Ele bateu na porta lentamente*.).

Em ambas as expressões idiomáticas, o tipo aspectual de situação denotada pelo predicado parece, portanto, ser resultado da composicionalidade do verbo e do NP. Em particular, no caso de *bater as botas* elementos importantes do sentido de *achievement* parecem ser encontrados no verbo *bater*; e, no caso de *abotoar o paletó*, o componente principal, quanto a isso, parece ser encontrado no objeto *o paletó*. Assim, embora a “composicionalidade semântica” destas expressões não se reflita em sua sintaxe – contrariamente aos exemplos em (1) – ainda assim pode ser identificada por meio de uma análise da relação entre seus elementos de sentido e seus elementos de forma.

#### 4.2 Desistir e suas expressões idiomáticas

Partamos agora para a análise das expressões idiomáticas relacionadas ao conceito de “desistir”. Vejamos primeiramente como se comporta o item lexical mais básico *desistir*:

- (19) a. Maria foi mostrando que não estava interessada e desistiu lentamente.  
b. Maria começou a desistir após as primeiras provas.  
c. ?? Maria terminou de desistir após aquela prova.  
d. Levou menos de um semestre para Maria desistir.  
e. # Maria desistiu por uma hora.

As sentenças em (19) indicam que o verbo *desistir*, assim como *morrer*, apresenta características bastante parecidas com as de *accomplishment*. Neste caso, a única diferença para um *accomplishment* típico é a estranheza do uso de um terminativo em (13c). O verbo *desistir* funciona normalmente com durativos, (cf. 19a), e tem uma leitura incoativa com formas de completude, como mostram (19b e 19d).

De forma similar às expressões idiomáticas ligadas ao conceito de “morrer”, as expressões ligadas ao conceito de “desistir” apresentam um comportamento distinto do item lexical mais básico, como podemos ver em (20) e (21):

- (20) a. # Pedro foi mostrando que não estava interessado e jogou a toalha lentamente.  
b. Pedro começou a jogar a toalha após as primeiras provas.  
c. # Pedro terminou de jogar a toalha após aquela prova..  
d. Levou menos de um semestre para Pedro jogar a toalha.  
e. # Pedro jogou a toalha por uma hora.
- (21) a. # Paula foi mostrando que não estava interessada e tirou o cavalinho da chuva lentamente.  
b. Paula começou a tirar o cavalinho antes das primeiras provas.  
c. # Paula terminou de tirar o cavalinho da chuva após aquela prova.  
d. Levou menos de um semestre para Paula tirar o cavalinho da chuva.  
e. # Paula tirou o cavalinho da chuva por uma hora.

Como vemos em (20) e (21), as expressões idiomáticas mostram um comportamento típico de *achievement*, o que as difere do item lexical *desistir* na seleção de modificadores. As sentenças (20a) e (20e) mostram que *jogar a toalha* perde o sentido idiomático com durativos, assim como *tirar o cavalinho da chuva*, (cf. 21a e 21e), ambos denotando eventos instantâneos. Porém, ao contrário das expressões em (14) e (15), estas apresentam um comportamento similar, não diferindo no uso de expressões de duração com completude e, assim, representando um *achievement* similar ao verbo *partir*, que possibilita a interpretação de um processo preparatório como parte do evento (cf. 20d e 21d).

Estas expressões, portanto, também são evidência de que há algum nível de composicionalidade semântica envolvido que faz com que haja esta diferença aspectual em relação ao item lexical mais básico ligado ao conceito, havendo assim uma diferença em relação aos modificadores com os quais os itens lexicais básicos e as expressões idiomáticas se combinam ou os contextos em que podem aparecer sem ser mal-formados semanticamente.

## 5. Conclusão

Neste trabalho, procuramos mostrar que mesmo expressões idiomáticas consideradas não-composicionais podem possuir uma estrutura conceitual com algum grau de complexidade de sentido, o que indica algum nível de composicionalidade semântica. Primeiramente, vimos que as expressões *bater as botas* e *abotoar o paletó*, ligadas ao conceito de “morrer”, apresentam diferenças aspectuais em relação ao item lexical mais básico ligado ao conceito, pois não têm sentido idiomático quando ocorrem com um advérbio durativo (como *lentamente*), o que faz com que não possam ser interpretadas como *accomplishments*, ao contrário do verbo *morrer*. Notamos também que as duas expressões têm características diferentes, uma vez que *bater as botas* aceita locuções de duração com completude, o que indica que possibilita a interpretação de um “processo preparatório” como parte do evento, enquanto isso não ocorre com *abotoar o paletó*, que pode ser considerado um *achievement* típico. Por fim, vimos que o tipo aspectual da situação denotada pelas expressões parece ser resultado da composicionalidade do verbo e do NP, pois enquanto em *bater as botas* elementos do sentido de *achievement* encontram-se no verbo *bater*, em *abotoar o paletó* o tipo aspectual parece depender de características do NP.

Quanto às expressões idiomáticas relacionadas ao conceito de “desistir”, *jogar a toalha* e *tirar o cavalinho da chuva*, estas também demonstram um comportamento típico de *achievement*, o que as difere do verbo *desistir*, que pode ter uma leitura de *accomplishment*, sustentando a validade de nossa hipótese.

Dessa forma, concluímos que mesmo algumas expressões idiomáticas que apresentam um grau maior de fixidez sintática, sendo tradicionalmente consideradas, por esta razão, não-composicionais semanticamente, apresentam uma estrutura semântica própria, diferente da dos itens lexicais mais básicos relacionados ao mesmo conceito, pois suas propriedades aspectuais indicam que há uma certa composicionalidade do ponto de vista semântico.

## **6. Referências**

CULICOVER, Peter e JACKENDOFF, Ray. *Simpler Syntax*. Oxford e New York: Oxford University Press, 2005.

JACKENDOFF, Ray. *The Architecture of the Language Faculty*. Cambridge, MA: MIT Press, 1997.

NUNBERG, G., SAG, I. e WASOW, T. Idioms. *Language* 70, p. 491-538, 1994.

SMITH, C. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer, 1997.